



BAHIANA
ESCOLA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

ESPECIALIZAÇÃO EM ATENÇÃO BÁSICA À SAÚDE MENTAL

CELESTE SÁ OLIVEIRA

**VÍNCULO AFETIVO MATERNO: PROCESSO FUNDAMENTAL À
SAÚDE MENTAL**

Salvador
2015

CELESTE SÁ OLIVEIRA

**VÍNCULO AFETIVO MATERNO: PROCESSO FUNDAMENTAL À
SAÚDE MENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em
Atenção Básica à Saúde Mental, apresentado à Escola
Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Orientadora: Ms. Maria Antonieta Nascimento Araújo

Salvador

2015

Há um tipo especial de dor, exultação, solidão e pavor envolvidos nessa classe de loucura. Quando se está para cima é fantástico. As ideias e sentimentos são velozes e frequentes como estrelas cadentes, e você os segue até encontrar algum melhor e mais brilhante. A timidez some; as palavras e os gestos certos de repente aparecem; o poder de cativar os outros, uma certeza palpável. Descobrem-se interesses em pessoas desinteressantes. A sensualidade é difusa; e o desejo de seduzir e ser seduzida, irresistível. Impressões de desenvoltura, energia, poder, bem-estar, onipotência financeira e euforia estão impregnadas na nossa medula. Mas, em algum ponto, tudo muda. As ideias velozes são velozes demais; e surgem em quantidades excessivas. Uma confusão arrasadora toma o lugar da clareza. A memória desaparece. O humor e enlevo no rosto dos amigos são substituídos pelo medo e preocupação. Tudo que antes corria bem agora só contraria – você fica irritadiça, zangada, assustada, incontrolável e totalmente emaranhada na caverna mais sinistra da mente. Você nunca soube que essas cavernas existiam. E isso nunca termina pois a loucura esculpe sua própria realidade.

A história continua sem parar, e finalmente só restam as lembranças que os outros têm do seu comportamento – dos seus comportamentos absurdos, frenéticos, desnorteados – pois a mania tem pelo menos o lado positivo de obliterar parcialmente as recordações. E então, depois dos medicamentos, do psiquiatra, do desespero, depressão e overdose? Todos aqueles sentimentos incríveis para desembaralhar. Quem está sendo educado demais para dizer o quê? Quem sabe o quê? O que foi que eu fiz? Por quê? E o que mais atormenta, quando vai acontecer de novo? Temos também os lembretes amargos – remédios para tomar, para se ressentir por ter tomado, para esquecer; tomar, ressentir, esquecer, mas sempre tomar. Cartões de crédito cancelados, cheques sem fundo a serem cobertos, explicações devidas no trabalho, desculpas a serem pedidas, lembranças intermitentes (o que foi que eu fiz?), amizades cortadas ou esvaziadas, um casamento terminado. E sempre, quando isso vai acontecer de novo? Quais dos meus sentimentos são reais? Qual dos meus eus sou eu? O selvagem, impulsivo, caótico, vigoroso e amalucado? Ou tímido, retraído, desesperado, suicida, cansado e fadado ao insucesso? Provavelmente um pouco de cada lado. De preferência, que grande parte não pertença a nenhum dos dois lados.

VÍNCULO AFETIVO MATERNO – PROCESSO FUNDAMENTAL À SAÚDE MENTAL

CELESTE SÁ OLIVEIRA¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão de literatura sobre o estudo do tema vínculo afetivo e apego, na relação mãe-bebê, e os possíveis riscos para a saúde mental do bebê, se ocorrer algum comprometimento ou inexistência desta relação. A base de dados consultada foi o *Scientific Electronic Library Online - SciELO*, tendo sido utilizados os descritores vínculo mãe-bebê, apego, risco e saúde mental. Foram selecionadas as publicações ocorridas no ano de 2014, de língua portuguesa. Tem como objetivo geral, investigar, através da revisão de literatura em base de dados acadêmica, qual a tendência de entendimento quanto à questão do vínculo afetivo e o apego na relação mãe-bebê. Como objetivos específicos, busca verificar a relevância dos vínculos estabelecidos entre o bebê e sua mãe ou pessoa substituta e analisar se os estudos indicam a possibilidade de algum risco de comprometimento na saúde mental da criança, adolescente ou do adulto que este bebê virá a ser, oriundo deste vínculo ou relação. Os livros considerados relevantes para análise dos vínculos afetivos e a saúde mental foram incluídos, independentemente do ano de sua publicação.

Palavras-chave: Vínculo mãe-bebê; Apego; Risco; Saúde Mental.

AFFECTIVE AND MOTHER-BABY BOND - A FUNDAMENTAL PROCESS FOR MENTAL HEALTH

ABSTRACT

The study presents a review of the literature on the mother-infant affective bonding and attachment within the first childhood and about the possible risks factors incurring on the mental health of the baby whenever any impairment causes the lack or the absence of this relationship. The consulted database on descriptors such as mother-baby bond, attachment, risk factors and mental health has been the *Scientific Electronic Library Online - SciELO*. The selection carried on includes the available articles in Portuguese language that were published in 2014 and that also matches the pursued objective such as to investigate the

¹ Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, Brasil.

academic literature which tends to unveil and explain both mental health and affective bonding issues in the mother-infant relationship. The specific goal being the assessment of those affective attachments established between the baby and his mother - or yet the person who plays the surrogate-mother care. Furthermore it analyzes the researches that verify the relevant incurring consequences of a weak and feeble mother-baby attachment. The possible undeveloped links which prevail suggest that are related to a lack of affection on the relationships on the very first infancy. The understanding of those damages arising in mental health of the child may remain prevalent in this child as a teenager and might continue throughout the adolescence and adulthood. The topic has motivated an extended review for published books regarding relevant analysis of affective bonds and mental health, regardless the year they had been edited.

Keywords: Mother-child Bond; Attachment; Risk Factors; Mental Health.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 MÉTODO	2
3 PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA DO VÍNCULO MÃE-FILHO	3
4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL	4
5 DESENVOLVIMENTO HUMANO	6
6 VÍNCULO AFETIVO MATERNO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO	7
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	12
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

A vida afetiva é a dimensão psíquica que dá cor, brilho e calor a todas as vivências humanas. Sem afetividade, a vida mental torna-se vazia, sem sabor.
(DALGALARRONDO,2008)

A partir de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema vínculo afetivo e apego estabelecido entre bebês e suas mães ou principais cuidadores, este artigo descreve os resultados sobre os possíveis fatores de risco, nesta relação, para a saúde mental do sujeito bem como sobre tendências dessas investigações, apontadas por estudos publicados no *ScientificElectronic Library Online-SciELO*, durante o ano de 2014.

Com este estudo, buscou-se analisar o que os resultados evidenciaram sobre o vínculo afetivo e, mais especificamente, o apego na relação mãe-bebê ou figura substituta e possíveis impactos no desenvolvimento da personalidade e da saúde mental do sujeito, oriundos desta relação.

O interesse pelo tema alicerça-se no pressuposto de que o desenvolvimento psicológico do sujeito inicia-se a partir das suas primeiras relações estabelecidas através dos vínculos familiares, as quais ocupam um lugar de destaque neste processo, em especial, no vínculo mãe-bebê.

Autores como Winnicott (1999; 2011), Bowlby (2004; 2006), Ainsworth (2006), Freud (1996) e Klein (1975), citados neste trabalho, fazem referência aos primeiros anos de vida da criança como sendo de suma importância para sua constituição psíquica e seu desenvolvimento enquanto sujeito, podendo provocar consequências, às vezes irreversíveis, na sua saúde mental. Os autores supracitados apontam os efeitos nocivos sobre a saúde mental das crianças, quando observadas num processo de privação das relações parentais e, em especial, na privação da relação com a mãe, ou ainda quando o cuidado com a criança se dá de forma negligente, ambígua ou em situação de algum tipo de violência ou abuso físico, psicológico ou sexual.

O escopo de tais teorias indica que sempre fora uma preocupação dos estudiosos do desenvolvimento humano destacar a importância dos primeiros vínculos na construção da vida psíquica do sujeito.

2 MÉTODO

Esta pesquisa, de caráter quali-quantitativo, foi embasada em uma coleta criteriosa de artigos científicos publicados na base de dados *Scientific Electronic Library Online – SciELO*, tendo como descritores para seleção as palavras-chave: vínculo mãe-bebê, apego, risco e saúde mental.

Como critérios para definição da amostra, optou-se pelos trabalhos publicados em 2014, disponíveis em texto completo, na língua portuguesa, sendo identificados 48 artigos, neste período. Entretanto, apenas 16 foram selecionados para nossa discussão, por se incluírem integralmente nos objetivos da pesquisa.

A partir dos dados, buscou-se analisar a produção científica referente ao tema, elaborada em 2014 e, após análise, categorizar, no material coletado, as áreas de interesse das pesquisas sobre vínculo mãe-bebê e os fatores de riscos e proteção, nesta relação, para a saúde mental na infância - foco desta pesquisa.

Em seguida, com uma leitura seletiva, foram tabulados os objetivos de cada estudo, as conclusões e considerações finais a que se chegou, identificando os direcionamentos das investigações.

De acordo com estes últimos, foram levantadas cinco categorias para análise dos artigos: 37,5% (6) tratavam sobre *Fatores de Risco* que podem influenciar negativamente o desenvolvimento mental do bebê e 25% (4) sobre *Fatores de Proteção* que podem influenciar positivamente; 19% (3) sobre a influência da *Subjetividade Parental*, 12,5% (2) sobre a *Participação Paterna* e 6% (1) tratavam de *Instrumentos de Avaliação* do vínculo mãe-bebê.

3 PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA DO VÍNCULO MÃE-FILHO

O amor materno é um sentimento humano e, como tal, incerto e imperfeito, que pode existir ou não, ser e desaparecer, mostrar-se frágil ou forte, a depender da personalidade da mãe, da sua história e do momento sócio-histórico, afirma Badinter (1985), em sua pesquisa sócio-histórica sobre este tema.

De acordo com a referida autora, até o século XVIII, a criança era tratada com indiferença, frieza e aparente desinteresse. Esta atitude era adotada pelas mães como uma forma da mãe se proteger da provável perda de seu filho, devido à fragilidade da criança nos primeiros anos de vida e ao alto índice de mortalidade infantil, nesta época. Além disso, a ideologia vigente considerava pouco digno as mães amamentarem seus próprios filhos. No ato de amamentar percebia-se algo de constrangedor, seja porque as mães precisavam se esconder para tal ato, seja pelo argumento estético, o qual pregava que amamentar deformava o seio, além do fato que só amamentava quem não pertencia à burguesia.

Com estes argumentos, muitos bebês, até esta data, eram enviados para casas de amas-de-leite, logo após seu nascimento, e lá permaneciam por 4 ou 5 anos. Durante o tempo que permanecia longe, os pais pareciam pouco preocupados com a sorte do filho distante, o qual, muito frequentemente, sequer retornava ao seu lar de origem, uma vez que morria antes, provavelmente por falta de cuidados higiênicos bem como falta de suporte emocional (BADINTER, 1985).

Só no final do século XVIII, ainda citando a referida autora, ocorre uma “espécie de revolução das mentalidades”, com o surgimento de livros, como o *Emilio ou da Educação*, de Rousseau (1995), que recomendava às mães cuidarem pessoalmente de seus filhos e amamentá-los. Nesta obra, publicada em 1762, este filósofo suíço traz várias recomendações sobre a educação do homem, ressaltando que as crianças, ao nascer, não devem ser afastadas dos seus pais. Considerada uma das primeiras obras tratando da educação moderna, em uma passagem do livro, ele afirma sobre o bebê: “Conservai a partir do instante em que vem ao mundo. Logo ao nascer apropriai-vos dele, não o largueis antes que seja homem: nada conseguireis sem isso. Assim como a verdadeira ama é a mãe, o verdadeiro preceptor é o pai”. (ROUSSEAU, 1995, p. 24)

A partir deste momento, o amor materno surge como um conceito novo e inicia-se, então, um processo de mudança relevante no comportamento das mulheres, enquanto mulher

e enquanto mãe, promovendo uma alteração no seu papel social e econômico na sociedade, bem como na criação e no cuidado dos filhos. Os cuidados maternos e a maternagem passaram a ser considerados fundamentais para a sobrevivência e o desenvolvimento da criança.

Ariès (1981), em sua pesquisa realizada na sociedade medieval, afirma que nesta época não existia o sentimento de infância. Uma vez que o índice de mortalidade era alto nos primeiros anos de vida, portanto sua sobrevivência improvável, a criança pequena não “contava” como fazendo parte da família até que a mesma tivesse ultrapassado os sete anos de idade, quando se misturava aos adultos, sendo tratada como tal.

O citado autor também destaca que, pelo final do século XVIII, alguns textos elaborados por reformadores católicos e protestantes já propunham aos pais tratar os filhos com algumas demonstrações de ternura e amizade, buscando obter sucesso na educação das crianças.

Esta nova atitude, onde o cuidado com as crianças passou a ser feito pelas mães, com mais atenção e dedicação, levou à minimização do índice de mortalidade e à melhoria da saúde infantil.

Considerando a perspectiva sócio-histórica do vínculo materno, onde este elemento “vínculo” sequer existia – pelo menos na cultura ocidental – há que se pensar no avanço dos cuidados que estão propostos para a saúde mental, na atualidade, e de quanto eles incluem o aspecto subjetivo construído a partir desta relação primitiva.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL

A saúde mental, na concepção atual, tem sido cada vez mais entendida como o resultado de múltiplas e complexas interações, que incluem uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais.

A OMS (2001), Organização Mundial de Saúde ou WHO (World Health Organization), agência das Nações Unidas especializada nas questões relativas à saúde, reconhece a importância da saúde mental quando inclui este aspecto na sua definição de saúde. De acordo com a definição desta instituição, saúde é “não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade”, mas “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”

(OMS, 2001, p.2). A saúde mental, portanto, é algo a ser cuidado tanto quanto os demais aspectos da vida do indivíduo.

O Relatório de Saúde no Mundo (2001), elaborado conjuntamente pela OMS e OPAS, refina este destaque na questão da saúde mental, quando define:

[...] os conceitos de saúde mental abrangem, entre outras coisas, o bem-estar subjetivo, a auto-eficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a auto-realização do potencial intelectual e emocional da pessoa (OMS, 2001, p.3).

Ainda segundo o referido relatório, os transtornos mentais podem ser caracterizados por alterações de pensamento, emoções (humor) ou por comportamentos associados com angústia e sofrimento psíquico e podem ser considerados como comportamento mal adaptativo que foi aprendido.

Frayze-Pereira (1994) enfatiza que “doença mental” pode designar uma desorganização da chamada “personalidade individual”, como um desvio progressivo do seu desenvolvimento. A afirmação de Frayze-Pereira parece ser corroborada por Houaiss (2001) quando este define, no verbete referente à saúde mental, que a mesma é o estado caracterizado pelo desenvolvimento equilibrado da personalidade de um indivíduo, boa adaptação ao meio social e boa tolerância aos desafios da existência individual e social.

Isto indica, claramente, que o desenvolvimento psíquico do sujeito deve ser considerado relevante, em especial suas primeiras relações com o ambiente – as quais ocorrem com pais ou cuidadores substitutos - quando se pretende uma atenção específica à saúde mental.

De acordo com Deldime e Vermeulen (2004), como a mãe ou os pais vivenciam a gestação influencia, em grande parte, a qualidade da gravidez, do nascimento e da saúde do bebê. Assim, o processo para constituição do indivíduo física e mentalmente saudável, dentro da concepção atual, inicia-se desde o período da gestação e prossegue ao tornar-se bebê, em sua relação com o ambiente, em especial na relação com a mãe ou na tríade mãe-bebê.

A partir destas considerações, iremos colocar o foco em uma importante área de conhecimento – a do desenvolvimento humano – a fim de elucidar aspectos importantes do vínculo materno, elemento de destaque na temática em estudo.

5 DESENVOLVIMENTO HUMANO

O bebê, ao nascer, não está completamente amadurecido e é, então, um ser incapaz de sobreviver sozinho. Devido ao fato de que o mesmo ainda não dispõe da capacidade de prover suas próprias necessidades básicas, faz-se mister, para sua sobrevivência, a presença de um adulto cuidador responsivo, o qual será capaz de lhe proporcionar os recursos que lhe faltam, no que tange à nutrição física e suporte emocional.

A proximidade nesta relação mãe-bebê funciona, ou deveria funcionar, como uma solução para a questão da falta de segurança, quer seja nos momentos de necessidade básica ou adversidade ou para proporcionar um desenvolvimento adequado da personalidade da criança. Nessa perspectiva, a criança procura conservar a proximidade com sua mãe ou figura substituta como um lugar que atende à sua busca de satisfação tanto quanto de segurança.

Desta forma, o desenvolvimento do bebê carece de um vínculo afetivo contínuo advindo de uma figura constante - a mãe ou um cuidador substituto competente – também aqui denominado figura de apego, com a qual estabelecerá uma relação que irá proporcionar a ele um provável desenvolvimento biopsicoafetivo seguro e saudável.

Chama-se figura de apego à mãe biológica, ou adotiva, ou outro adulto próximo que exerça junto ao bebê a função de cuidador zeloso, criando vínculos afetivos e provendo suas necessidades básicas, afetivas e psicológicas.

Sigmund Freud (1996), criador da Psicanálise - disciplina fundada no final do século XX que teve como objetivo a investigação e o tratamento das doenças mentais - desde o início buscou compreender como se dava a construção do aparelho psíquico, a partir do processo de análise das questões neurológicas apresentadas pelos pacientes da sua clínica.

Assim, o citado autor (1996) descobriu que precisava investigar os anos de infância vivenciados por estes pacientes, pois foi ficando claro, para ele, que os transtornos mentais tinham uma relação causal com experiências vividas ou percebidas nas primeiras fases do desenvolvimento.

No texto *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1996), Freud introduz a noção de angústia e desamparo e lhe atribui função fundamental na estruturação psíquica. O autor levanta a hipótese de que a angústia seria desenvolvida a partir do estado de desamparo psíquico do bebê oriundo do seu estado de desamparo biológico. De acordo com Freud, o fator biológico é o período em que o bebê vive em condições de desamparo e dependência. “O fator biológico,

então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida”, afirma o citado autor (1996, p. 151).

Certas psicopatias e a problemática da angústia neurótica estariam associadas a estados de angústia e desamparo que ocorreram na infância, em situações em que a criança é separada da mãe. A partir desta condição, este sentimento surge ligado ao medo da perda do amor. Estaria então relacionada com a perda deste vínculo materno, de acordo com Freud (1996).

Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1996), ao falar da angústia infantil, o referido autor descreve que “o adulto neurotizado [...] comporta-se como uma criança em sua angústia: começa a sentir medo tão logo fica sozinho, ou seja, sem uma pessoa de cujo amor se acredite seguro” (FREUD, 1905, p.212).

Então, a forma como a criança introjeta os cuidados que lhe foram dispensados, desde os primeiros contatos com a figura de apego ou do vínculo afetivo materno, se transferirá para suas futuras relações na vida adulta, de acordo com o mesmo autor.

6 VÍNCULO AFETIVO MATERNO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO

O vínculo materno, aqui estudado, estará sendo analisado na perspectiva das emoções e sentimentos envolvidos na díade mãe-filho ou pessoa substituta que exerça a função materna, portanto, do vínculo afetivo que se estabelece na relação entre eles nos primeiros anos de vida.

O conceito “afetivo”, neste trabalho, está em consonância com a teoria psicanalítica e pretende designar “a ressonância emocional de uma experiência geralmente forte”, segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 9). De acordo com Freud (1996), os afetos são também reproduções de experiências muito antigas, de importância vital.

Dentre alguns teóricos que realizaram pesquisas envolvendo a díade mãe-bebê, encontramos autores como Bowlby (2006), Winnicott(2011) e Klein (1975) cujas obras baseiam-se na teoria psicanalítica.

Autores da área da Psicologia, como Bee (2003) e Spitz (1979), que realizaram estudos na área de desenvolvimento infantil, afirmam que vinculações familiares seguras na infância promoveriam uma apreensão mais positiva da realidade bem como uma avaliação mais positiva de si mesmo e estariam relacionadas aos vínculos afetivos satisfatórios na vida adulta.

Por vínculo seguro ou vínculo afetivo satisfatório podemos citar que seria aquele que produz na criança um ego fortalecido devido ao apoio do ego da mãe. Esta criança, segundo Winnicott (2011), cedo torna-se verdadeiramente ele mesmo ou ela mesma, capaz de expressar e lidar com todos os tipos de sentimento.

Assim, pondera-se que se revela de suma importância essa vinculação mãe-bebê nos anos iniciais do desenvolvimento físico e psíquico do bebê, o que nos leva à necessidade de analisar os efeitos desta relação para a criança em desenvolvimento, os possíveis fracassos quando presente - porém de forma inadequada, negligente ou perversa - e os prováveis efeitos irreversíveis no psiquismo da criança, quando ausente.

A Organização Mundial de Saúde – OMS contratou Bowlby, em janeiro de 1950, para realizar um estudo com crianças órfãs ou separadas de suas famílias - que necessitavam de lares substitutos ou de instituições – em diversos países da Europa, com o objetivo de analisar os efeitos adversos da privação materna para a saúde mental do bebê e identificar quais os meios de prevenir tais efeitos. O resultado desta pesquisa é apresentado num relatório que, mais tarde, se tornou o livro *Cuidados Maternos e Saúde Mental* (2006), onde ele afirma

[...] ser essencial à saúde mental, que o bebê e a criança pequena tenham a vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe ou mãe substituta permanente... na qual ambos encontrem satisfação e prazer. É esta relação complexa, rica e compensadora com a mãe [...] que muitos julgam, atualmente, estar na base do desenvolvimento da personalidade e saúde mental (BOWLBY, 2006, p. 4).

A partir deste trabalho, Bowlby (2004) elaborou a sua teoria, denominada Teoria do Apego, onde considera a propensão para estabelecer laços emocionais com pessoas especiais como sendo um componente básico da natureza humana, enquanto bebê e durante toda a vida. Nos primeiros anos, estes laços são estabelecidos com os pais, ou cuidadores substitutos, em quem o bebê procura proteção, conforto e suporte (1989).

Na citada teoria, o autor procura explicar como ocorre o vínculo afetivo primário do bebê com a mãe ou um cuidador substituto - de quem se espera lhe forneça um ambiente seguro e caloroso - e quais as implicações para a vida adulta se ocorrerem falhas nesta relação.

De acordo com Bowlby (2006), “uma criança feliz, segura do amor da mãe, não fica extremamente angustiada; a criança insegura, que tem dúvidas do amor da mãe por ela, fica facilmente sujeita a uma interpretação errônea dos fatos” (BOWLBY, 2006, p. 25). Assim, quanto melhor tiver sido a relação da criança com a mãe nos primeiros anos de vida, melhor será sua tolerância à separação ou perda de um vínculo, enquanto criança e enquanto adulto, segundo o citado autor.

Outra constatação, feita pelo mesmo autor, revela que crianças entre os cinco e os sete ou até oito anos sejam incapazes de se adaptar satisfatoriamente a separações dos seus pais ou cuidadores, especialmente se forem repentinas e sem qualquer preparação.

Desse modo, em circunstâncias onde o vínculo afetivo primário estabelecido na relação mãe-bebê, nos primeiros anos de infância, seja insuficiente ou inexistente, Bowlby (2006) sugere que é possível que a criança, impossibilitada de estabelecer vínculos com figuras específicas na infância, se torne mesmo “incapaz de estabelecer e manter vínculos afetivos profundos e duradouros”, na vida adulta (p. 211).

Ainsworth (2006), colaboradora de Bowlby, que estudou sobre as consequências da privação da mãe no desenvolvimento psicológico da criança, ressalta que algumas formas de interação entre mãe e filho – denominadas, pela autora, de distorcidas – tais como de hostilidade, rejeição, crueldade, indulgência excessiva, controle repressivo ou na ausência de afeto também podem causar efeitos negativos no desenvolvimento psíquico do sujeito.

Winnicott (2011), que elaborou uma pesquisa extensa com foco no desenvolvimento infantil, traz também várias contribuições sobre a relevância dos cuidados maternos, nos primeiros anos de vida do bebê, para a constituição saudável deste sujeito.

O desenvolvimento emocional do bebê é descrito pelo referido autor como um processo de maturação e da acumulação de experiências de vida, uma jornada da dependência à independência, com o apoio das figuras parentais, em especial da mãe, nos primeiros anos de vida do bebê. Ele cita que

[...] esse desenvolvimento só pode ocorrer num ambiente propiciador. A importância deste ambiente propiciador é absoluta no início e, a seguir, relativa; o processo de desenvolvimento pode ser descrito em termos de dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar rumo à independência (WINNICOTT, 2011, p. 27).

Dentre os vários fatores importantes na formação da personalidade do bebê, o *holding* e a função materna têm papel fundamental na integração dos aspectos físicos e psíquicos que o formam, desde o período de desenvolvimento infantil até a idade adulta, de acordo com Winnicott (2011).

A figura materna representa alguém que, não apenas atende aos anseios físicos do bebê quanto à nutrição, asseio, aquecimento mas também, traduz a experiência simbólica dos sentimentos de amor, proteção e amparo que promovem um sentimento de segurança no bebê. É o que daria *holding* ou sustentação psicológica ao bebê, de acordo com a teoria winnicottiana (2011).

Ainda segundo o citado autor, uma adequada maternagem, aquela provinda de uma mãe suficientemente boa – *good enough mother* - alude ao fato de que essa mãe não frustra, nem gratifica, de forma excessiva. As frustrações, além de inevitáveis, também são indispensáveis ao crescimento emocional e cognitivo da criança. Entretanto, podem constituir-se como patogênicas se incorrerem em um desses extremos – excessivas, inadequadas, incongruentes ou por demais exageradas. Desta forma, pais super protetores deixam seus filhos aflitos, enquanto pais pouco confiáveis tornam as crianças confusas e amedrontadas, de acordo com o autor supracitado.

A ausência da mãe suficientemente boa e o conseqüente processo de *holding* deficiente “produz extrema aflição na criança, sendo fonte de um sentimento de que a realidade exterior não pode ser usada para o reconforto interno e de outras ansiedades que são geralmente classificadas como ‘psicóticas’”, afirma Winnicott (2011, p. 27).

Zimmermann (1999) afirma que a mãe, funcionando como espelho de seu filho, tanto pode refletir o que ele realmente é ou aquilo que ela própria é, ou imagina ser, ou ainda funcionar como espelho opaco, que nada reflete nem de bom nem de mau, ao falar da função especular materna. De acordo com Winnicott apud Zimmerman (1999), o primeiro espelho da criatura humana é o rosto da mãe, seu olhar, sorriso, expressões faciais.

A partir destas considerações, o mesmo autor afirma que o ambiente torna-se, assim, um elemento fundamental para a saúde mental do sujeito, a ponto de considerar as falhas ambientais como a etiologia principal dos quadros psicopatológicos. Os pacientes psiquiátricos tendem a ser vistos “não como portadores de doenças, mas vítimas da batalha humana pelo desenvolvimento, pela adaptação e pela vida”, na visão de Winnicott (2011, p.106).

Klein (1975), que desenvolveu a técnica do brinquedo para acessar os estágios iniciais da infância e o inconsciente infantil, considera que obteve um entendimento profundo sobre como a vida mental é influenciada pelas emoções mais primitivas e fantasias inconscientes da criança. A citada autora afirma que, nas primeiras semanas, o bebê já olha o rosto da mãe, reconhece seu cheiro e espera dela, não apenas o alimento mas também amor, expressado

através do cuidado. A criança, mesmo na tenra idade, percebe, inconscientemente, se está sendo segurada de maneira carinhosa e calorosa. Esta atitude provoca-lhe emoções felizes e torna possível sua primeira relação amorosa. Caso contrário, a criança sentirá desconforto e perceberá o mundo externo – uma vez que a mãe, nesta etapa do desenvolvimento, representa para a criança o todo do mundo externo - como hostil e desenvolverá uma ansiedade de natureza persecutória. Klein (1975) afirma que “tanto a capacidade de amar como o sentimento de perseguição têm raízes profundas nos processos mentais mais primitivos da criancinha” (p. 26).

Helen Bee (2003) também realizou um estudo extenso sobre o desenvolvimento humano, de forma cronológica do período pré-natal até a adolescência. No que tange ao desenvolvimento emocional, ela afirma que quando há fracasso no processo de apego/vinculação genitor-criança, algumas consequências negativas podem ocorrer.

Bee (2003) diz estar convencida de que Bowlby está certo sobre a prontidão inata do bebê para se apegar. Ela sugere que “a criança seguramente apegada se sente mais à vontade para explorar o mundo que a cerca a partir da base segura da pessoa que lhe dá segurança” (BEE, p. 506). De acordo com a referida autora, crianças criadas com pais carinhosos tendem a desenvolver uma atitude em direção ao afeto positivo bem como uma postura de aproximação, ao invés de uma atitude de retraimento.

A mesma autora denuncia também que um dos perigos mais temíveis da infância é a eventual ocorrência de abuso físico, sexual ou psicológico ou negligência aos cuidados físicos ou emocionais para com a criança. As crianças que sofreram algum tipo de abuso podem apresentar em seu desenvolvimento psicossocial perturbações como medos, baixa autoestima, transtorno de estresse pós-traumático, hiper vigilância, problemas de relacionamento interpessoal, atenção, concentração, de violência e até delinquência. Quanto mais prolongado e mais grave o abuso, maior a probabilidade de perturbações significativas no desenvolvimento psicológico da criança e, conseqüentemente, na sua saúde mental. Infelizmente, conforme afirma a autora, “nossa sociedade ainda não encontrou formas de reduzir o abuso”. (BEE, 2003, p. 153).

Reafirmando a influência das primeiras experiências no desenvolvimento psicológico, a citada autora escreve:

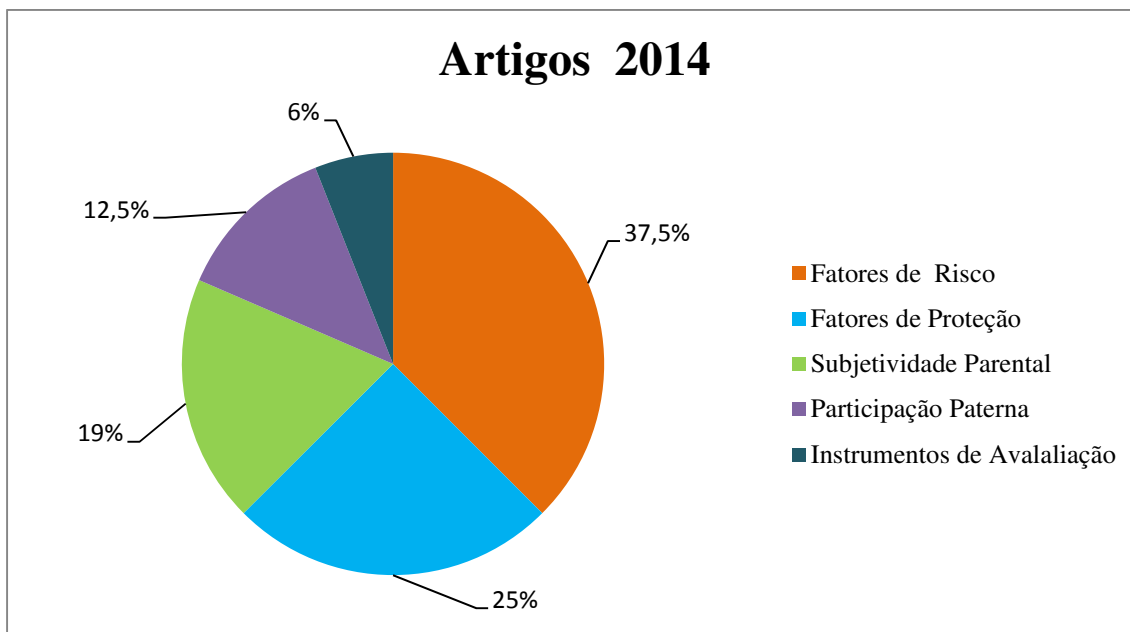
[...] que todos os modelos funcionais internos – de apego, de identidade, de gênero e de autoconceito... – talvez sejam muito mais afetados pelas experiências iniciais do que pelas posteriores, apenas porque o modelo, uma vez formado, afeta e filtra todas as experiências posteriores (BEE, 2003, p.522).

A partir de estudos referentes ao primeiro ano de vida, Spitz (1998) nos fala da importância de educar o bebê para torná-lo capaz de suportar as frustrações do momento presente o que o ensinará, conseqüentemente, a suportar bem as frustrações que ocorrerão também no futuro. Segundo Spitz (1998), este aspecto é de vital importância uma vez que prazer e desprazer têm um papel igualmente importante na formação do sistema psíquico e da personalidade do sujeito. Criar os filhos com permissividade indiscriminada leva a resultados deploráveis, de acordo com o referido autor.

A hipótese que o distúrbio psicogênico infantil precoce crie uma predisposição para o desenvolvimento subsequente de uma psicopatologia é uma hipótese levantada por Spitz e corroborada pelos estudos de Bowlby e Winnicott, já comentados anteriormente.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Uma análise do universo de 48 publicações de 2014, levantadas no SciELO, com as palavras chaves vínculo mãe-bebê, apego, risco e saúde mental, levou à seleção de uma amostra de 16 artigos. Estes foram discriminados pelas seguintes categorias: 37,5% (6) tratavam sobre *Fatores de Risco* que podem influenciar negativamente o desenvolvimento mental do bebê e 25% (4) sobre *Fatores de Proteção* que podem influenciar positivamente; 19% (3) sobre a influência da *Subjetividade Parental* na díade mãe-bebê, 12,5% (2) sobre a *Participação Paterna* nas práticas de cuidados ao bebê e 6% (1) tratavam de *Instrumentos de Avaliação* do vínculo mãe-bebê.



Fonte: *Scientific Electronic Library Online – SciELO*

Nos artigos que analisaram os *Fatores de Risco* – que podem afetar negativamente a qualidade e a disponibilidade do cuidado e a interação mãe/criança e, conseqüentemente, o desenvolvimento infantil – os aspectos estudados referem-se à influência no vínculo mãe-bebê, no caso de nascimento prematuro do bebê (LINDBERG; OHRLING; FORCADA-GUEX et al., 2008), da mãe com transtorno mental no período pré e pós-gestacional (MOTTA et al., 2005), no uso da chupeta dificultando a proximidade mãe-bebê (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006), na depressão pós-parto (SCHMIDT; PICCOLOTO; MÜLLER, 2005), na relação da mãe com bebês gêmeos aos nove meses de idade (WINNICOTT, 1990) e nos casos de criança com doença crônica (ZIMMERMAN; ARUNKUMAR, 1994).

Entre outros fatores de risco para a ocorrência da violência psicológica associados aos pais, é possível destacar: habilidades parentais pobres, abuso de substâncias psicoativas, depressão, tentativas de suicídio, baixa auto-estima, pais autoritários, perda da empatia, estresse social e violência doméstica. (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, 2002 *apud* MAIA; WILLIAMS, 2005).

Este mesmo relatório destaca que a severidade das conseqüências da violência no desenvolvimento psíquico do sujeito é influenciada pela intensidade, gravidade, freqüência, cronicidade e apaziguamento ou realce dos fatores relacionados aos cuidadores da criança, da própria criança ou do ambiente. O estágio do desenvolvimento da criança pode também

influenciar nas consequências da violência psicológica (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, 2002).

Bowlby (2006), a partir de seus estudos na mesma temática, observou que assim como algumas circunstâncias de ordem fisiológica, que porventura ocorram durante a gestação, podem causar danos irreversíveis para o desenvolvimento físico, as experiências emocionais negativas, em determinados estágios precoces da vida mental da criança, também podem produzir efeitos vitais e duradouros na vida psíquica do sujeito que este bebê se tornará.

Quanto aos *Fatores de Proteção* – que podem influenciar positivamente no desenvolvimento do bebê/criança – os estudos descritos pelos artigos abrangeram o método Shantala, o qual analisou de que forma este recurso pode contribuir para o fortalecimento do vínculo e na qualidade da relação mãe-bebê (WINNICOTT, 2001; 2006); como a rede de apoio familiar pode influenciar na aceitação da gravidez na adolescência e no estabelecimento do vínculo mãe-bebê e como o Método Canguru - que aposta numa aproximação cotidiana da mãe com o bebê, no contato físico, no estímulo à amamentação e à participação dos cuidados como elementos que reforçam o envolvimento afetivo precoce e os papéis de cuidado – podem influenciar positivamente no desenvolvimento do bebê.

Além desses artigos categorizados como *Fatores de Proteção*, foi identificado também um estudo sobre como o toque da mão da mãe na barriga da criança pode influenciar no fortalecimento do vínculo mãe-bebê (PICCINI; MOURA; RIBAS et al., 2001). Tal estudo afirma que a presença ou ausência de toque no início do desenvolvimento emocional tem repercussão na saúde ou no adoecimento do bebê.

Artigos selecionados na categoria *Subjetividade Parental* sugerem que as crenças maternas e parentais sobre o desenvolvimento do bebê guiam seus modos de cuidar da criança e podem influenciar no desenvolvimento adequado ou não da relação mãe-bebê. Por meio do nome que seus pais lhe dão, a criança recebe sua inscrição na família e assim nasce subjetivamente.

Para Spitz (1998), as experiências e ações da mãe constituem uma decisiva influência no desenvolvimento de vários aspectos da personalidade do bebê, no seu primeiro ano de vida, sendo que não são as ações conscientes da mãe que mais interferirão nesta relação, mas sim as suas atitudes inconscientes.

Massaro (1994), interpretando a fala de Lacan, diz que a mãe é uma mediadora entre o bebê e o ambiente, e ela o faz segundo um código simbólico, que está presente nela. Assim, o autor afirma que é a partir da mãe que se instala na criança o campo simbólico.

Vale ressaltar também que a relação que a mãe estabelecerá com o bebê será influenciada por suas próprias experiências na infância, principalmente pela forma como foi cuidada e amparada por seus pais ou cuidadores substitutos bem como pelo quanto ela deseja ou rejeita este bebê. Oriunda deste padrão de relação parental, decorrerá a forma como ambos os pais irão vincular-se um ao outro bem como ao bebê, promovendo ou não apoio às suas necessidades físicas e emocionais, de acordo com Bowlby (2011).

No que tange à categoria *Participação Paterna* na interação com o bebê, os artigos relacionados trazem a ideia de que, especialmente nos primeiros anos de vida, o desenvolvimento psicológico da criança é impulsionado pelo seu envolvimento em interações recíprocas com pessoas com quem estabelece relação emocional mútua e permanente, comumente a mãe ou os pais. Os artigos, neste caso, reforçam a ideia de que a participação do pai pode influenciar na construção de um *holding* paterno com a prática da paternidade afetiva e como este aspecto pode prover condições favoráveis na fase de dependência absoluta do bebê, como discutido por Bronfenbrenner (2011).

De acordo com Spitz (1998), a ausência da mãe, por ter saído para o mercado de trabalho, bem como a desintegração da autoridade paterna, na contemporaneidade, propiciam problemas cada vez mais graves de delinquência juvenil e no crescente número de neuroses e psicoses na sociedade ocidental adulta.

O artigo relacionado à categoria *Avaliação* pretende analisar instrumentos de avaliação uma vez que considera importante que a qualidade do vínculo mãe-bebê, especialmente no primeiro ano de vida, seja avaliada com o intuito de identificar possíveis transtornos nessa ligação e evitar consequências futuras para a saúde mental da criança.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral desta pesquisa - o de investigar de forma exploratória a tendência dos interesses de estudos de uma amostra de artigos científicos quanto à questão do vínculo afetivo e o apego na relação mãe-bebê - pode-se afirmar que 63% deles tratam tanto dos fatores de risco quanto de proteção e apresentam dados que pretendem auxiliar na constatação de que atitudes, ações, reações e emoções, conscientes ou inconscientes, da mãe,

ou do primeiro cuidador do bebê, influenciam no desenvolvimento psíquico deste, como relatado na literatura aqui discutida.

Desta forma, observamos que os estudos alvo de nossa análise apontam para a questão da relevância dos aspectos inerentes à relação mãe-bebê e de como atitudes responsivas, de empatia, disponibilidade emocional e holding podem ser consideradas vitais para o estabelecimento de um vínculo materno saudável. Assim a criança, criada numa relação de vínculo afetivo materno adequado ou numa base segura, desenvolve um apego seguro que vai permitir que sua mãe se afaste sem que a mesma se sinta desamparada. Neste ambiente dito seguro, a criança desenvolve um sentimento de confiança e segurança em si mesma e no ambiente, como consequência deste vínculo afetivo primário saudável.

A constituição do vínculo afetivo materno, cujo processo é fundamental para a sobrevivência e bem-estar físico e emocional da criança, não é um processo instintivo, mas que demanda desejo, cuidado, tempo, compreensão, paciência, atenção e continuidade. Nas situações de inexistência, insuficiência, descontinuidade ou distorção dos cuidados maternos, a saúde mental do bebê/criança poderá sofrer danos, às vezes, irreversíveis.

Em que pese a relação materna, chama atenção o interesse, ainda que mais reduzido, dos estudos que consideram a relação paterna relevante. Ficou evidente que a presença do pai leva a uma melhor relação conjugal e maior qualidade nas respostas da mãe, favorecendo o desenvolvimento infantil saudável. Pais amorosos, acolhedores, encorajadores, congruentes e que impõem limites adequados aumentam a probabilidade que esta criança possa se expressar e ser mais confiante em si mesma e no ambiente, reduzindo assim os riscos de comprometimento na saúde mental.

A forma como o sujeito reage às exigências da vida e o modo como lida e expressa seus desejos, potencialidades, limitações, sonhos, ideias, sentimentos e emoções têm uma relação direta com a sua saúde mental, a qual se constitui durante seu desenvolvimento. Fica constatado, pelas evidências científicas, que um ambiente de desenvolvimento hostil, rejeitador ou controlador provoca maior dificuldade de relacionamento interpessoal e de autonomia no sujeito, gerando situação de vulnerabilidade. Em situações mais graves, como nos casos de depressão puerperal, outros transtornos mentais ou privação da figura materna, além de algum tipo de abuso de ordem sexual ou psicológica, é possível inferir o desenvolvimento de transtornos psíquicos, como consequência, a despeito dos casos de resiliência.

Por fim, percebe-se, ao longo da construção deste estudo que, de acordo com o referencial teórico pesquisado, as relações na infância são fundamentais para o desenvolvimento psíquico e a saúde mental do bebê/criança, tanto no presente quanto no futuro.

REFERÊNCIAS

- AINSWORTH, Mary D. S. Pesquisas sobre os efeitos prejudiciais da privação. In: BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. Pontos controversos. In: BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. Conclusões de pesquisas recentes. In: BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Apego e Perda: Separação: Angústia e Raiva**. V. 2. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRONFENBRENNER, U. MORRIS, P. A. The bioecological model of human development. In: DAMON, W. LERNER, R. M. **Handbook of child psychology: Theoretical models of human development**. New York: John Wiley & Sons, 2006. p. 793-828.
- CARLESSO, J. P. P.; SOUZA, A. P. R. Dialogia mãe-filho em contextos de depressão materna: revisão de literatura. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 13, n. 6, 2011.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 155.
- DELDIME, R.; VERMEULEN, S. **O desenvolvimento psicológico da criança**. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- FORCADA-GUEX M.; PIERREHUMBERT B.; BORGHINI A.; MOESSINGER A.; MULLER-NIX C. Early dyadic patterns of mother-infant interactions and outcomes of prematurity at 18 months. **Pediatrics**, v. 118, p. 107-14, 2006.
- FRAYZE-PEREIRA, J. A. **O que é loucura**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos; 73).
- FREUD, S. (1905). Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1926) Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HOUAISS, Antonio. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 4 maio 2015.
- JAMISON, K. R. **Uma mente inquieta: memórias de loucura e instabilidade de humor**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KAIRYS, S. W.; JOHNSON, C. F. The Psychological Maltreatment of Children — Technical Report. **Pediatrics**. v. 109, n. 4, abr. 2002. Disponível em: <<http://pediatrics.aappublications.org/content/109/4/e68.full>>. Acesso em: 15 jun. 2015.
- KLEIN, M. **O sentimento de solidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LINDBERG B.; OHRLING K. Experiences of having a prematurely born infant from the perspective of mothers in northern Sweden. **Int J Circumpolar Health**;67(5):461-71, 2008.

- MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, L. C. A. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Temas em Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 91-103, 2005.
- MASSARO, G. **Loucura**: uma proposta de ação. 2. ed. São Paulo: Ágora, 1994.
- MOTTA, M. G.; LUCION A. B.; MANFRO G. G. Efeitos da depressão materna no desenvolvimento neurobiológico e psicológico da criança. **RevPsiquiatr**, v. 27, n. 2, p. 165-176, 2005.
- OMS - Organização Mundial da Saúde. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001**. Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Genebra: World Health Organization, 2001. Disponível em: <<http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2015.
- PICCININI, C. A.; MOURA, M. L. S.; RIBAS, A. F. P. Diferentes Perspectivas na Análise da Interação Pais-Bebê/Criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 3, p. 469-485, 2001.
- ROUSSEAU, J-J. **Emílio ou da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SCHMIDT, E. D.; PICCOLOTO, N. M.; MULLER, M. C. Depressão pós-parto: fatores de risco e repercussões no desenvolvimento infantil. **Psico-USF**, v. 10, 2005.
- SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WINNICOTT, D.W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **O bebê e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983, p. 38-54.
- _____. **Tudo começa em casa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ZIMMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ZIMMERMAN, M. A.; ARUNKUMAR, R. Resiliency research: implications for school and policy. **Social Policy Report**, v. 8, n. 4, p. 1-20, 1994.